



A intersecção entre diferença e conflito urbano nas Ciências Sociais: uma entrevista com Valter Roberto Silvério (UFSCar) e Gabriel de Santis Feltran (UFSCar)

The intersection between difference and urban conflict in Social Sciences: an interview with Valter Roberto Silvério (UFSCar) and Gabriel de Santis Feltran (UFSCar)

Engel Rodrigues¹

Luana Ruy²

Janaina Maldonado³

Simon Jara⁴

1. Apresentação

Na Sociologia contemporânea, o debate em torno das juventudes negras ecoa entre diferentes campos de estudo. Dentre eles, o campo dos Estudos culturais e a Sociologia urbana. Ao pensar na intersecção entre o tema da diferença e do conflito urbano, apresentamos a entrevista realizada com dois grandes nomes das Ciências Sociais brasileiras, os pesquisadores e professores Valter Roberto Silvério e Gabriel de Santis Feltran.

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCar); São Carlos, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0905-4596> / e-mail: engelrodrigues1@gmail.com.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. Pesquisadora na área de Sociologia das Relações Étnico-raciais e Sociologia das Diferenças, sob financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (nº do processo: 2019/02284-2). E-mail para contato: luanaruy@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1409-0719>.

³ Doutoranda do German Institute for Global and Area Studies (GIGA) no âmbito do Programa "Democratising security in turbulent times", coordenado pela Universidade de Hamburgo. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Urbanos – NaMargem/UFSCar. São Carlos, SP, Brasil. E-mail para contato: janamaldonado40@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2300-1458>.

⁴ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCar); São Carlos, SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5811-1980> / email: simon.rcj@gmail.com.



Valter Roberto Silvério é professor titular do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos. Em toda a sua carreira, Silvério tem se dedicado a pensar sobre como o processo de racialização atravessa a nossa experiência e constrói sujeitos racializados e diferenças que são fixadas e estereotipadas no cotidiano vivido, reproduzindo hierarquias de pertencimentos. Sociólogo, atualmente trabalha com os estudos pós-coloniais e a diáspora negro africana em uma perspectiva crítica às relações “raciais”, com ênfase nos seguintes temas: transnacionalismo negro, educação, ação afirmativa e estudos afro-brasileiros.

Gabriel de Santis Feltran é docente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos. Em sua trajetória acadêmica tem se debruçado sobre questões que envolvem o campo da Sociologia Urbana. Etnógrafo urbano, atualmente desenvolve pesquisas sobre os mecanismos de reprodução de desigualdades e violência urbana, a partir das dinâmicas sociais, políticas e de mercados transnacionais com efeitos nas periferias brasileiras; sobre a dinâmica dos homicídios no Brasil e na América Latina e, também sobre estética, política e marginalidade.

Os dois professores foram convidados e, gentilmente, aceitaram conceder uma entrevista à *Áskesis* pelo intermédio dos organizadores e das organizadoras deste dossiê, Engel Rodrigues, Luana Ruy, Simon Jara e Janaina Maldonado, alunos e alunas de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. Nossos encontros ocorreram virtualmente em duas tardes de julho de 2020 (16 e 20), em meio à pandemia de Covid-19 que atravessa e modifica nossos cotidianos.

Silvério e Feltran ofereceram-nos horas de seus dias para reflexões instigantes e provocadoras, levando-nos a refletir acerca das agendas da pesquisa sociológica na contemporaneidade e das genealogias que informam as tradições sociológicas. Na entrevista, ambos nos contam um pouco de suas trajetórias de pesquisa e sobre como as questões da diferença e do conflito urbano se desenvolveram no debate acadêmico, bem como em seus próprios trabalhos e reflexões.

2. Entrevista

Para iniciar este debate, gostaríamos que vocês nos contassem um pouco de que maneira as temáticas sobre diferença e conflito urbano apareceram e marcaram suas trajetórias pessoais e acadêmicas?

Valter Silvério: Desde muito cedo, essas questões aparecem em minha trajetória. Uma coisa super interessante, porque sou de uma geração que teve uma orientação, ou seja, a gente foi estudar para entender o que era ser negro naquele momento na sociedade brasileira. Naquele período, isso



significava lidar com todas as situações de racismo ou discriminação racial. Eu sou da época em que você abria o jornal para procurar emprego e aparecia lá: precisa-se de candidato com boa aparência... e boa aparência é não ser negro. Era mais fácil, se você tivesse formação, arrumar emprego em uma multinacional do que arrumar um emprego em uma empresa brasileira, porque a multinacional na época já tinha esse debate sobre ação afirmativa. A partir da década de 1970, com meu envolvimento nos movimentos sociais e políticos, é que o interesse nas ciências humanas fica mais evidente. A minha trajetória acadêmica é marcada pela ideia de uma formação de uma elite de intelectuais negros e negras. E elite, nesse caso, não tem o sentido liberal ou conservador, falo no sentido intelectual de você ter uma formação para entender seu lugar no mundo. Um outro momento é o momento em que eu entro na UNICAMP para fazer o doutorado. Considero que meu grupo, especialmente Elide Rugai Bastos⁵ e Octavio Ianni⁶ tiveram muito impacto em minha formação. O Ianni [orientador de doutorado de Silvério] era uma pessoa excepcional. Eu leio muitas coisas que não tem nada a ver com que está nos currículos, porque eu aprendi com ele e faço isso há mais de 20 anos. E aconteceu uma coisa que foi muito importante na minha história, que foi a escrita de minha tese de doutorado. Essa pesquisa aborda novos contornos da racialização, que é um tema que eu trago. As pessoas falam de raça, racismo, perspectiva racialista, neoracialista... não, eu trago o tema da racialização, que já está na tese de doutorado e que tem a ver um pouco com essa minha posição de que identidade não deve ser alimentada. Então considero essa ideia de que racialização é processo, é a ação de inferiorizar, portanto, é processual. Então quer dizer, quem precisa de identidade é quem está racializado, você precisa de identidade para destruir o processo de racialização. Tem uma certa literatura que tem ganhado força no Brasil, é incrível, lugar de fala, racismo estrutural, do meu ponto de vista isso encaminha o debate para a fixidez da identidade, quando na verdade eu acho que a gente deve discutir sobre racialização e as metamorfoses dos processos de racialização.

Gabriel Feltran: Bom, na minha própria trajetória, eu acho que o tema da raça chega um pouco mais tarde, e isso tem muito a ver com a minha formação. Eu acho que chega mais tarde por duas razões: uma por que no Brasil eu sou branco, *né?* Então não via muita necessidade de pensar sobre o tema racial, imerso como eu estava na ideia dominante de que o branco é normal, é o neutro e, portanto, não é o que deve ser pensado. A segunda coisa é porque eu venho de uma tradição de estudos urbanos, na minha formação, de uma leitura que é inteira francesa, e que também não pensava o problema racial. Academicamente, primeiro, eu sou formado em veterinária, então isso

⁵ Socióloga brasileira, atua como professora livre-docente no departamento de Sociologia da Unicamp.

⁶ Sociólogo brasileiro (1926-2004). Participou da chamada Escola de Sociologia Paulista.



já não estava presente. Depois, durante a faculdade, eu vou trabalhar com os movimentos de favela e no terceiro setor com políticas para crianças e adolescentes. A minha geração já não tinha muito essa militância nos movimentos sociais ligados a partidos, como a do Valter. Então é a partir daí que eu vou me interessando cada vez mais por esses temas e começo a estudar esses movimentos, e passo, inclusive, pelos movimentos identitários de que o Valter comentou, que vêm renascendo agora. Eles não são novos, propriamente. O texto do Tilman Evers já se chamava: *“Identidade: a face oculta dos novos movimentos sociais”*⁷; é um texto dos anos 1980, retomando um debate que é dos anos 1970. Mas isso ocorre já no meu mestrado, também na UNICAMP, entre 2001 e 2003. Só quando eu começo a dar aula no ano de 2009, aqui na Universidade Federal de São Carlos, é que o tema da diferença aparece com maior clareza para mim como um tema vinculado à questão racial. Antes disso, a diferença para mim era a periferia, a favela, mas sem especificidade dos processos de racialização. Quando eu entro na UFSCar, a coisa muda porque o processo de Ações Afirmativas estava em andamento e sendo ampliado. Nesse momento eu me deparo com uma outra universidade que até então eu não conhecia. A minha experiência universitária era na USP e na UNICAMP. Na USP era cem por cento branca, num curso de classe média alta, que era veterinária, integral, de cinco anos e depois na pós-graduação na UNICAMP, que também era praticamente inteira branca. A primeira vez que eu vi uma outra universidade, que eu me deparei com uma universidade diversa, foi na UFSCar; isso mudou a cara da universidade, o jeito da universidade e para nós, da Sociologia Urbana, mudou também o debate. Então, em sala de aula e nos processos de orientação, foi que eu me deparei realmente com a interface das questões que eu tinha, questões mais ligadas com a política e violência, e o debate racial que os estudantes traziam. Então, já vinha muito forte a questão racial através dos estudantes, não apenas pelas Ações Afirmativas, mas também porque os estudantes tinham leituras que até então eu não tinha, de outras disciplinas, outros cursos. E além disso, no momento em que meus trabalhos começaram a ser lidos academicamente, surgiram cobranças sobre a construção de outros debates. Eu sempre acho que nossos trabalhos são trabalhos que iniciam a discussão, e não que encerram discussões. Sempre encarei meus trabalhos assim, como insumos para as discussões, acadêmicas e públicas; além disso, os trabalhos prestam contas de um período que a gente viveu. Nesse sentido, o tema racial na Sociologia Urbana que eu faço, ele nunca veio propriamente de mim, ele veio muitas vezes dos estudantes e dos colegas, sobretudo intelectuais negros que leram os trabalhos e pediram reflexões sobre a questão racial. O Jaime Amparo Alves⁸, mas diversos outros,

⁷ EVERS, T. Identidade: a face oculta dos novos movimentos sociais. *Novos Estudos CEBRAP*, v.2 n^o4, pp. 11-23, abril, 1984.

⁸ Doutor em Antropologia Social pela Universidade do Texas, em Austin (EUA) e pós-doutor em estudos da diáspora africana pela *Penn State University* (EUA), com ênfase em antropologia do estado, geopolítica racial (EUA-Brasil), agência criminal negra e urbanismo militar. Atualmente professor no



leram minha tese e perguntaram: cadê? Com essa interlocução é que eu tenho tentado desenvolver cada vez mais esses debates em meus textos. Ainda que pra mim a discussão estivesse lá, sobretudo na descrição etnográfica ainda que menos na pauta analítica, ela não estava elaborada. Em alguns outros textos posteriores à tese eu tentei trabalhar a questão de modo mais específico, sobretudo no “*Periferias, direito e diferença*”⁹, publicado na Revista de Antropologia da USP, e no artigo “*A categoria como intervalo*”¹⁰, publicado nos Cadernos Pagu, da Unicamp.

Valter Silvério: Então é isso, gente, eu acho que eu vou tentar resumir: a trajetória do Gabriel é de alguém que chega na favela [a partir de seus interesses de pesquisa] e a minha trajetória é de alguém que quer sair da favela [pensando na questão da mobilidade social] alguém que é orientado o tempo todo para sair da favela.

Gabriel Feltran: É isso mesmo! Não precisa falar mais nada na entrevista né? – risos – Isso resume...

É verdade, é muito interessante colocar essas histórias em perspectiva, as marcações da diferença vão se construindo ao longo dessas trajetórias. E vocês comentaram um pouco sobre essas diferentes tradições na sociologia, podem falar um pouco mais sobre como isso se constitui? Essa tradição de uma Sociologia Urbana e de uma Sociologia das Relações Raciais. E como são as interfaces entre esses campos ao longo da tradição sociológica?

Gabriel Feltran: No meio do meu doutorado eu fui para a França, depois de ter estudado com vários antropólogos, e lá eu tenho um orientador sociólogo etnógrafo, Daniel Cefaï¹¹, que vai puxar para a gente toda essa literatura etnográfica da Escola de Chicago, que foi constitutiva da Sociologia Urbana e da Antropologia Urbana que chegam no Brasil, já muito cedo, com o Donald Pierson, orientando do Robert Park, em São Paulo. Ou com o Otávio Velho e o Gilberto Velho no Rio. Mas a Escola de Chicago que chegava, para mim, era menos a proposta reformista, menos a proposta institucional de Chicago – inclusive os mapas e a ecologia urbana – e mais a Chicago etnográfica, dos orientados da primeira geração. Os livros de referência para mim, por exemplo, eram o “*The hobo: the sociology of the homeless man*” (1923) do Nels

Departamento de Estudos Negros, Universidade da Califórnia e pesquisador do Centro de Estudios Afrodiaspóricos da *Universidad Icesi*.

9 FELTRAN, G. de S. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. **Revista De Antropologia**, 53(2), 2012.

10 FELTRAN, G. de S. A categoria como intervalo – a diferença entre essência e desconstrução. **Cadernos Pagu**, (51), 2017

¹¹ É doutor em Antropologia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (1989). Atua nos temas: Antropologia, Fenomenologia, Sujeito, Espaço público, Verdade e Política.



Anderson¹². Esse é um trabalho sobre esses nem trabalhadores itinerantes, nem moradores de rua, os “trecheiros” ou os “peões de trecho” talvez, no Brasil. E o outro livro era o “Sociedade de Esquina” (1943) do Foote Whyte¹³ que já estava traduzido, e que então eu usava muito nos meus cursos de Sociologia Urbana. O Brasil já tinha lido muito sobre a Escola de Chicago, sobretudo no Rio de Janeiro e na ESP [Escola de Sociologia e Política de São Paulo] então, nem se fala, né, Valter? Mas eu não tinha formação teórica antes de cair nas Ciências Sociais, já na pós-graduação. Então tive uma abordagem mais livre, eu diria, dessa tradição. Em 2006, tive acesso às leituras de Chicago que se faziam pelo Isaac Joseph¹⁴ e pelo Daniel Cefaï. Na França, a ideia era de conectar as etnografias de Chicago com o Goffman e mais tardiamente com o Becker, numa ponta mais contemporânea, e às origens, com o John Dewey e aquela ideia do pragmatismo, “O público e seus problemas”. Fazer uma leitura de Chicago não pela Chicago reformista, não pela Chicago dos mapas, não pela Chicago da Ecologia Urbana, mas a Chicago das etnografias urbanas e de uma fenomenologia pragmatista. É engraçado, porque essa era uma sociologia urbana, a de Chicago, marcada desde o começo pelas relações raciais, mas numa recepção francesa, que não enfatizava isso de jeito nenhum. Eu fiquei com uma Chicago que tratava de questões teórico-metodológicas. São essas as questões de que eu me aproprio. No meu doutorado, eu vou me apropriar muito do debate francês contemporâneo, daquele momento, sobre teoria da ação, a ação conveniente, os regimes de ação, a situação, a fenomenologia na etnografia. O importante era saber quantas páginas tinha seu diário de campo e se tivesse menos de milhares, pegava mal dizer. Isso tudo vai me ajudar muito, sobretudo para fazer pesquisa, para fazer pesquisa de campo, claro. Mas a questão racial, no meu trabalho inicial de pesquisa, estará sempre nas descrições, nunca nas análises. Eu acho que nunca deixo de mostrar ao leitor da etnografia que meus interlocutores são racializados, pelo menos isso era muito claro para mim no meu trabalho. Mas eu não refleti em nenhum momento sobre isso, até muito recentemente. Para mim, a questão da política sempre foi muito mais forte, e raça estava subsumida no tema do poder, no cotidiano da política, no bojo das questões que eu elaborava. Esse é um primeiro movimento pra mim da chegada da interface da Sociologia Urbana e das Relações Raciais. (...) Na Sociologia Urbana brasileira, o tema racial tinha um jeito de ser pensado que era, por assim dizer, muito próprio do tipo de elite que a gente tinha na universidade. O tema racial era o tema do negro, um tema do outro, praticamente. Tema reconhecido pelos clássicos da Sociologia

¹² Anderson, Nels, and Robert E. Park. **The Hobo: The Sociology of the Homeless Man**. Chicago, Illinois, 1923.

¹³ Whyte, William Foote. 2005 [1943]. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 390pp.

¹⁴ Isaac Joseph sociólogo francês (1943-2004) É conhecido por ter apresentado na França as obras da Escola de Sociologia de Chicago e por seus estudos sobre Erving Goffman, espaço público e pragmatismo



brasileira, mas muito pouco um tema dos pesquisadores enquanto corpos e mentes que pesquisam. Era sempre falando sobre a raça do outro, não falando a partir da experiência do conflito racial. Isso muda tudo também, claro, a partir dos anos 2000, quando pesquisadores negros, de fato, passam a ser formados em maior número e nosso sistema de pós-graduação se amplia e amadurece, para além dos grandes centros tradicionais. Nessas duas últimas décadas, o tema entra na nossa sociologia urbana, trazido pelos seus próprios atores, por aqueles que viviam na experiência social os processos de racialização como inferiorização, e não pelos que ouviam dizer como que era que funcionava. Então eu acho que essa coisa que a gente faz de trabalhar com música, com estética, etc., tem muito a ver com isso. A nossa profissão é uma profissão que exige muito amadurecimento, muita precisão, exige que as coisas venham com calma. Então você não sai falando e aquilo está resolvido; o universo artístico elabora as coisas de um outro jeito, com outra velocidade. Por que eu estou dizendo isso? Porque o tema racial vinha na nossa música urbana desde os anos 1950, 60, mas ele vai aparecer como tema na nossa sociologia urbana nos anos 2000. Se pegarmos os nossos clássicos da sociologia urbana, não estão tratando de raça: Lúcio Kowarick¹⁵, Luiz Antônio Machado da Silva¹⁶, mesmo a Alba Zaluar¹⁷, trata pouco, a Teresa Caldeira¹⁸ muito pouco, *né?* E na música, já nos anos 1970, 80, Jorge Ben, Tim Maia, estavam pautando raça de um jeito muito explícito, muito relacionado à questão urbana no Rio de Janeiro, ao conflito urbano nos morros, de um jeito que não ecoava na literatura sociológica de jeito nenhum. Então eu acho que o fato de a questão não ser tratada propriamente, naquele período, não quer dizer que a questão não existisse: mas a gente, a posteriori, consegue ver porque ela não era tratada. Se a gente tivesse uma ampliação forte das universidades já nos anos 1970, muito provavelmente o tema racial seria tratado imediatamente; mas ele demora muito, porque não era essa a realidade nas universidades brasileiras.

Prof. Valter, do seu ponto de vista, como você reconstrói essa genealogia?

Valter Silvério: Veja, eu acho que o tema da raça é um tema fundante da sociologia. Nos Estados Unidos e no Brasil; é só a gente pegar o “*The Philadelphia Negro*” do Du Bois, a publicação é de 1899!¹⁹ Então, a pesquisa

¹⁵ Cientista Político brasileiro, atuou como professor da Universidade de São Paulo. Seus trabalhos debatem principalmente sobre a questão urbana e os movimentos sociais.

¹⁶ Luiz Antônio Machado da Silva (1941-2020). Sociólogo brasileiro, seus trabalhos versam, principalmente trabalho, violência e são referências para a Sociologia Urbana.

¹⁷ Alba Maria Zaluar (1942-2019), antropóloga brasileira, com atuação na área de antropologia urbana e antropologia da violência.

¹⁸ Antropóloga brasileira, possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1976). Desde 2007 é professora da Universidade da Califórnia, estando atualmente ligada ao Departamento de Planejamento Urbano e Regional, em Berkeley.

¹⁹ DU BOIS, W. E. B. **The Philadelphia Negro**; a Social Study. Philadelphia Published for the University,



é um pouco anterior, e que é uma pesquisa hoje considerada de sociologia urbana, um texto fundador: é o primeiro texto de sociologia científica norte americana. Se a gente pegar o projeto Unesco, o trabalho do Florestan Fernandes, que tem todo o trabalho sobre a sociologia científica, no conjunto do seu trabalho você vai ter lá “*Negros e Brancos em São Paulo*”²⁰, dele e do Bastide, e depois em 1964 ele defende a tese de titularidade, com “*A integração do negro na sociedade de classes*”²¹. Então o tema da raça é um tema fundante, que é o tema do conflito, né? Conflito que se estabelece em uma sociedade com identidades, com diferenças de população que depois serão apreendidas na chave da identidade, no caso norte americano, e no caso brasileiro, um pouco na linha do que o Gabriel estava comentando. Eu acho que a ideia de que no Brasil não houve segregação racial legal, levou a um tipo de formulação de uma subsunção formal da raça à classe. Então você tem, na verdade, dois grandes modelos interpretativos que nascem na cidade, e o fato é que recentemente no Centro de Estudos da Metrópole existem pesquisas que estão rediscutindo o problema da cidade de São Paulo na lógica da segregação racial. O segundo ponto é o modo como a gente analisa o que é a sociologia. Acho que existe um debate, de que a sociologia, ao mesmo tempo que ela pode ser considerada uma disciplina científica, para alguns autores ela é também uma forma de intervenção social que tenta modelar a sociedade a partir de uma determinada perspectiva. Então, nesse sentido, ela é uma disciplina científica que requer, na minha leitura, algum tipo de intervenção social, no sentido de mitigar os problemas sociais. E o problema do negro, ou o problema social, está na matriz dessa disciplina. Então, na verdade, eu acho que tem uma fase da sociologia, que do meu ponto de vista, nos Estados Unidos vai até o final da Segunda Grande Guerra Mundial e no Brasil, eu acho que começa depois, por conta da obra do Gilberto Freyre²², que é a ideia de integração social. Durante muito tempo, os modelos de explicação sociológica se orientaram pela ideia de integração social. Nos anos 1960, que me parecem um período chave, você tem dois movimentos: um mais latino americano em que a ideia de integração se acopla à ideia de que nós somos um continente em que houve uma mistura racial muito profunda e que constituímos uma democracia racial, influenciados pelos escritos de Gilberto Freyre. E outro de que os problemas raciais são primariamente problemas de desigualdade econômica. Então, como é que você equaciona isso? O equacionamento dado pelo Florestan é a integração na chave da categoria classe e não na categoria raça; com isso, encaminha-se as discussões para esse âmbito da classe. No caso norte americano, o

1899.

²⁰ BASTIDE, R. & FERNANDES, F. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo, Anhembi, 1955.

²¹ FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1965.

²² FREYRE, G. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1933. FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro, Editora Nacional, 1936.



movimento dos direitos civis vai mostrar que o sentido da integração é um sentido que pressupõe a existência de identidades diferentes. É interessante isso, porque na década de 1960, a partir dos movimentos dos direitos civis e o surgimento de políticas públicas de Ação Afirmativa no caso americano, você tem um escalonamento de acesso. Muita gente não sabe que o principal grupo beneficiado pela Ação Afirmativa no caso americano são as mulheres, independente da cor, em segundo os negros, em terceiro os hispânicos. A Ação Afirmativa é uma política pública que vai, de alguma maneira, atender a uma demanda por direitos, e essa demanda por direitos operava em duas esferas, na educação e no trabalho. No Brasil esse movimento vai chegar a *posteriori*, ele vai chegar lá pela década de 1990, depois do surgimento do Movimento Negro Organizado, desse modo, a agenda política brasileira vai ser tocada pela questão na década de 1990. Efetivamente, se vocês quiserem 1988, a Constituição de 88 é um marco, de incorporação de uma certa noção diluída de identidade racial.

Então, você consegue entender que o que estava por trás da integração do negro na sociedade de classes é o negro pensado na perspectiva de povo. Então, esse caldo ele vai explodir, penso eu, na virada do século XX para o XXI, em uma chave identitária. E é óbvio que quando você pensa identidade a partir dos anos 1980, 90, a identidade é pensada enquanto substantiva, ou seja, em certa medida essencialista. Ela não é pensada inicialmente na chave de que identidade é uma construção política, está relacionado à disputa de espaço de representação política no interior da sociedade. E aí é óbvio *né*, você tem origens muito distintas. Como na minha genealogia, embora eu tenha lido pouco Foucault²³, eu li muito mais o Fanon²⁴ do que o Foucault, do que o Bourdieu²⁵, li muito mais o Du Bois²⁶ do que a Escola de Chicago – embora para você ler o Du Bois você tem que ler a Escola de Chicago –, é que acho que existe uma outra genealogia que orienta o debate. E que vai bater no conceito de identidade, mas o conceito de identidade enquanto uma possibilidade, que está discutindo nas suas origens com a própria percepção do Hegel; é interessante como essa outra genealogia foi apagada do Brasil e de alguma maneira ela é a grande novidade no debate americano, com o resgate da obra de Du Bois e mostrando ali uma perspectiva na virada do século XIX, de uma passagem não da discussão da modernidade, mas na discussão do

²³ Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês. Suas teorias abordam a relação entre poder e conhecimento e como eles são usados como uma forma de controle social por meio de instituições sociais.

²⁴ Frantz Fanon (1925-1961) psiquiatra martinicano, esteve envolvido na luta pela independência da Argélia. Seus estudos versam principalmente sobre os temas da descolonização e da psicopatologia da colonização.

²⁵ Pierre Bourdieu (1930-2002), sociólogo francês. Foi docente na *École de Sociologie du Collège de France*. Desenvolveu, ao longo de sua vida, diversos trabalhos abordando a questão da dominação.

²⁶ W.E.B. Du Bois (1868-1963), sociólogo, historiador e ativista negro, norte-americano. Seus estudos versam sobre a ideia de raça, racismo e a luta contra a discriminação racial nos Estados Unidos e no mundo.



modernismo. Hoje, esse me parece que é um problema para gente equacionar. Ou seja, que genealogia você está acionando para pensar raça, juventude, juventudes negras ou juventude negra?

Gabriel Feltran: Para a sociologia urbana, quando esses temas aparecem, eles vêm de uma forma muito heterogênea. Acho que o Valter está tratando um pouco disso. Como essa vertente essencialista se espraia, a raça chega recentemente na questão urbana como se fosse o único tema importante, ou como uma essência. Você encara trabalhos em projetos ou bancas, às vezes, que é como se só existisse raça no mundo, como se tudo se resumisse à questão racial. Então, eu sinto falta de ver essa conversa sendo feita de um jeito mais preciso e sociologicamente mais elaborado. Na nossa sociologia urbana, discutir cidade e discutir segregação, discutir conflito, discutir violência, discutir crime, sem passar pelos temas raciais é impossível. Mas também é impossível sem passar pelos temas do gênero, como sem passar pelos temas da classe, da sexualidade, do território, da economia, do direito, das diferentes formas e dos diferentes regimes de governo urbano, todos esses temas transversais fortes da contemporaneidade. No entanto, você resumir a coisa e dizer “o conflito no Brasil se resume ao conflito do branco contra o negro”, por exemplo, é muito pouco. Tem um monte de questões que estão envolvidas, passa por dinheiro, modelos de desenvolvimento, questões ligadas à dimensão sociológica da família, da religião, da migração, dos processos de urbanização, de industrialização... Essas coisas não são separadas no mundo. A gente separa, a gente cria chaves para entrar em uma questão e trabalhar aquela questão com profundidade, mas o mundo não reduz as coisas a uma única chave. A Hannah Arendt²⁷ fala que essas reduções a uma única chave – seja a raça ou qualquer outra – são sempre ideológicas. Eu concordo com ela nisso. O mundo sempre embaralha as coisas mais do que a análise, a análise tenta justamente desembaralhar pra tornar compreensível. Na minha forma de ver a sociologia em geral e a sociologia urbana em especial, o tema da raça é fundamental, justamente como racialização, em acordo com o que aprendi nas conversas com o Valter, como poucos outros. Ao mesmo tempo, não é uma coisa que possa ser uma chave única, para entender tudo. No mundo mais contemporâneo dos movimentos sociais de extração identitária, sobretudo entre juventudes militantes – a Sociologia sempre acompanha muito o debate dos movimentos –, você também vai ter vertentes diferentes pra pensar a questão racial. Falo muito pouco ainda sobre diferença e processos de racialização no meu trabalho, até por que eu acho que tem gente muito melhor pra falar desses temas do que eu, mas é incrível como gênero e raça se tornaram os temas sobre os quais eu mais estude, no tipo de Sociologia Urbana que eu faço hoje. Acho que é porque a inovação teórica nesses campos de debate é forte e ela me ajuda a entender aquilo que eu já produzi, as limitações

²⁷ Hannah Arendt (1906-1975), filósofa alemã de origem judaica.



daquilo que eu já produzi. Não são temas sobre os quais eu escreva muito, mas eu leio muito, eu penso muito, e teoricamente sou muito influenciado pela teoria política e urbana que se faz a partir da chave da diferença, e do cotidiano, muito fortes nos debates de gênero, sexualidade e raça. Eu acho que são campos centrais de formulação teórica hoje.

Valter Silvério: Agora parte dessa confusão é de responsabilidade da própria dinâmica das Ciências Sociais. A nossa formação, ao privilegiar uma determinada clivagem e não o conjunto de clivagens que atravessam os conflitos sociais, faz com que a gente acabe induzindo programas de formação que são programas que lidam mais com uma clivagem e menos com outra. Nesse sentido, me parece que é super importante essa perspectiva da interseccionalidade. A interseccionalidade aparece como uma tentativa de você mediar a importância de todas as categorias na produção de desigualdade, na chave da diferença. Então, eu vejo um pouco que a complexidade do debate contemporâneo sobre raça, ela se assenta em uma complicação que é mais ou menos a seguinte: por exemplo, hoje, está na moda ser antirracista, é importante, as pessoas estão pensando que raça tem significado, mas tem uma complicação por trás disso: qual que é o passo seguinte quando você se coloca na condição de antirracista? Do ponto de vista disciplinar da Sociologia, eu acho que o conceito de racismo ele está sendo apreendido em duas dimensões. Uma que é uma dimensão estanque, então, eu penso que o racismo realmente existe; e outra que está numa chave que eu gosto muito, que é a chave da racialização, em que você pensa o racismo na chave da ação de racializar a experiência do outro. O que significa isso? Significa que é uma ação deliberada, consciente de inferiorizar o outro, o indivíduo, o grupo. E aí, de uma certa forma, a interseccionalidade permite você ver que mulheres, negros, indígenas, são inferiorizados de formas muito distintas, mas são.

Na proposta do dossiê publicado nesta edição da revista, nós compartilhamos dessa preocupação como editores/as, de pensar a racialização como processo no Brasil contemporâneo, sem enfatizar uma única lente explicativa do conflito social, mas tentando cruzar essas categorias analíticas. Mas tem dificuldades nisso, teóricas e metodológicas. Como vocês pensam essa questão?

Gabriel Feltran: Eu sempre penso e quando eu dou aula, tento pensar as coisas dessa forma também, muito parecido com o que o Valter está nos colocando, com a ideia de que não se trata de atributos do sujeito, né? O racismo não é um atributo daquele sujeito, ou o antirracismo não é um atributo daquele que se auto atribui, mas de fato tem um processo, em primeiro lugar, que o Valter está chamando atenção, e que esse processo se dá em sociedade. Portanto, esse processo se dá imerso em um conjunto



enorme de interações, não é uma coisa que uma pessoa produz sozinha. Para o Foucault, que trabalha com a ideia de dispositivo, por exemplo, se a gente pensasse o dispositivo da raça, esse dispositivo se materializaria, se tornaria concreto, em um monte de coisas distintas. Na linguagem que tem expressões racistas naturalizadas, mas também nas instituições, o racismo institucional, mas também no jeito das pessoas usarem o próprio corpo e avaliarem o uso do próprio corpo na sexualidade, e assim por diante em milhares de outras manifestações, que juntas compõem um dispositivo da raça, da racialização. Esse dispositivo produziria como efeito um conjunto de classificações raciais, digamos assim. Então, se for pra usar o Foucault para pensar raça, uma coisa que eu acho que é super produtiva, embora não seja muito usual, seria assim: “quais são os dispositivos raciais que historicamente se construíram no Brasil?”. O dispositivo escravista é um dispositivo, a democracia racial é outro dispositivo, o *one drop rule* é ainda outro dispositivo. Por exemplo, o Luiz Gonzaga²⁸ não seria nordestino se ele tivesse nascido em 1990. Você vê vídeos dele hoje, sem as roupas que o caracterizam mais como nordestino, ou seja, longe do processo de racialização do nordestino que estava em andamento nos anos 1960, quando ele passa a se caracterizar como nordestino, e você vê um homem negro. Você tira aquilo que era o visível em outro momento, outro dispositivo, e olha para uma fotografia do Luiz Gonzaga em 2020, e os estudantes dizem “ah, é um homem negro do Brasil”. Porque o visível muda quando o diagrama de racialização muda. A gente vê coisas muito diferentes, dependendo do diagrama, do regime de poder que está montando a nossa percepção. Isso eu me dei conta sobretudo quando vivi em países nos quais os modos de racialização são muito diferentes do brasileiro. Quando eu morava na França, não tinha negro, porque para eles isso não cabe. Tinha Senegalês, tinha gente do Mali, tinham os *caras* do Magreb, que são percebidos também como inferiores, também são racializados, mas não são racializados como negros. Depois, quando morei na Alemanha era bem diferente disso, porque na Alemanha o que existia era um branco muito específico, muito restrito. Eu jamais seria – e não fui – branco na Alemanha. Com isso me dei conta do quanto o polo branco no Brasil é inclusivo, é inespecífico. No polo branco brasileiro cabe japonês, cabe latino, cabe árabe, cabe um monte de coisa que em um país como a Alemanha jamais caberia, e em outros também não cabem. Você é branco, ou é latino, um norte-americano te perguntaria? Um turco nunca será branco na Alemanha, mas no Brasil um turco cabe tranquilamente no polo branco. Nós olhamos para um turco e vemos uma pessoa branca, mas os alemães veem outra coisa, muito longe de um branco – que para eles implica em olhos azuis, cabelos loiros, um tipo de físico, mas também um tipo de jeito de ser. No Brasil, árabes, turcos e japoneses de classe média são encarados como passíveis de serem pessoas “bem de vida”. Ninguém vai levar o Haddad

²⁸ Luiz Gonzaga (1912-1989) Foi um compositor e cantor brasileiro reconhecido como uma importante figura da música popular brasileira.



ou o Maluf pro elevador de serviço, ou um médico japonês porque ele tem o olho puxado. Mas em outros países esse traço pode ser um traço racial forte, no sentido da racialização que o Valter nos ensinou acima, que inferioriza. Para nós, não é, porque não os vemos assim. Então, a raça não é um atributo da pessoa, é a resultante de um processo social no qual aqueles traços são racializados, são tornados relevantes por razões de poder, para inferiorizar. Eu acompanho muito a reflexão do Valter e eu concordo, integralmente, com a perspectiva que ele defende. Mesmo olhando de uma outra maneira, sob outras referências, eu tenderia a ver a questão racial de um jeito muito próximo ao do Valter, como processo de racialização muito mais do que como atributo racial. Ela só se torna perceptível como atributo – e socialmente é assim que se vê, embora sociologicamente não possa ser – a partir do processo de racialização que precisa ser desvelado. Então, sociologicamente, a gente desconstrói, mas a gente não pode perder de vista o que está construindo essas identidades, esses traços. Faz sentido, Valter?

Valter Silvério: Faz todo sentido. Agora nas diferentes configurações nacionais de racialização parece que existe uma certa distinção entre os Estados nacionais de primeira onda, que são os Estados europeus e os Estados nacionais de segunda onda, que são os Estados latino americanos. A ideia de onda tem a ver com processos de independência e revolução, digamos assim. Desse modo, qual que é o elemento que precede? No caso europeu, parece que a questão da desigualdade de acesso aos bens, ou você ser ou não ligado ao mundo fabril, teve uma precedência sobre o fenótipo, no caso latino americano, não. Eu gosto muito dessa ideia de formação social, e não de formação econômica, como a literatura tratou o Brasil, porque a ideia de formação social me leva à possibilidade de ler as formações dos Estados nacionais de segunda onda na chave de formações racialmente estruturadas em dominância, que é um conceito do Stuart Hall (1980)²⁹ que nos ajuda muito a pensar essa diferença de formação nacional. É lógico que tem elementos mais complicadores, mas de uma maneira bem didática, eu acho que os países que tiveram escravidão são países que o dado do fenótipo, da cor, significou você tratar essa população enquanto raça. Por exemplo, até 1930 havia uma ideia no Brasil de que não havia povo, e todos os processos de imigração, por exemplo, eles passaram por um debate que era um debate da chave biológica, quem deve imigrar? Por exemplo, os chineses, na minha pesquisa de mestrado, eu levantei informações de jornais de Campinas, e a imigração chinesa foi rejeitada. Quinze ou vinte anos depois, a imigração japonesa foi aceita; quando você vai ver quais são os argumentos que estão por trás da rejeição, são argumentos valorativos. Então, você tem uma junção, digamos assim, do processo de escolha: você tem os elementos de ordem valorativa, que estão relacionados a uma estereotipia

29 HALL, Stuart. Race, Articulation, Societies Structured in Dominance. In: **Sociological Theories: Race and Colonialism**. UNESCO, Paris, 1980. pp.306-324.



que estava colocada naquele momento... Quer dizer, o resultado disso é muito complexo. Quando eu pego o modelo analítico europeu ou americano para pensar a América Latina, eu não posso chegar à mesma conclusão. Eu tenho que, no mínimo, fazer todas as mediações do processo de formação social, para poder pensar as dinâmicas sociais que derivam dela. Então, me parece que o problema do entendimento, do uso do modelo, para nós acadêmicos, ele é muito importante. É óbvio que a partir de um dado modelo você pode gerar uma outra forma de conhecer aquela realidade. Associa-se a isso o fato de que, na América Latina, a ideia de política café com leite, a ideia de democracia racial, a ideia de marronagem, criou uma certa base a partir da qual a miscigenação precede as outras identidades, do ponto de vista discursivo, pelo menos. Do ponto de vista prático, operacionaliza-se o critério do fenótipo. Bom, isso tem mudado? Tem mudado muito. Eu sou de uma geração que eu fui o único aluno em vários lugares. É óbvio, o fato de você ser único, a percepção que você tem de si e dos outros, é muito diferente. Eu tive alunos que tiveram contato com pretos ou negros, pela primeira vez comigo, na condição de professor. O aluno veio conversar, teve caso até de pais que vieram conversar comigo. Então, significa que, quando eu faço um paralelo com os Estados Unidos, onde teve uma lei no sul, e depois da guerra civil você tem a democratização, então, as escolas eram mistas. No sul, através do sistema Jim Crow³⁰ se criou uma separação, ela foi de 1896 até 1964. No caso brasileiro não. A exclusão social em termos de escola se deu pelo fato de você não ter, majoritariamente, até a década de 1930, ensino público no Brasil. O ensino era controlado pela igreja católica, e todos nós sabemos o papel da igreja católica no processo colonial. Então, você não tem segregação legal, mas você tem mecanismos sociais de políticas públicas que não eram públicas, eram privatistas, que excluía a população. Bom, é com esse caldo de cultura que você tem o processo de transformação brasileiro, que é muito rápido, o processo de industrialização e urbanização. Então você tem, de repente, uma ida fenomenal para as cidades e as pessoas que estão indo pra cidade não tem o curso básico, o curso primário básico. Então as cidades viram espaços absolutamente hierarquizados, e no interior das cidades você tem hierarquias enormes, e elas são em grande medida definidas pelo processo de escolarização.

Como toda essa discussão de formação do Pensamento Social e as transformações no Brasil contemporâneo se conectam?

Valter Silvério: Hoje no Brasil a gente vive uma situação ímpar, e acho até que as reações da elite brasileira mais à direita têm a ver com o avanço do processo, ou o avanço da possibilidade de se igualar diferenças de origem, sejam elas étnicas, raciais ou econômicas. A reação que a gente tem visto é

³⁰ “Jim Crow” é como ficaram conhecidas as leis de segregação racial em vigência nos Estados Unidos da América entre 1876 e 1965.



uma reação que tem por pressuposto manter uma sociedade que é muito parecida com uma sociedade de castas. É interessante que a literatura norte americana discute casta, e a literatura brasileira, se não me engano, tem um texto do Octavio Ianni³¹ – me parece que é um dos poucos textos que existe na literatura brasileira que discutiu casta. O sistema de castas, da forma como ele foi discutido na primeira metade do século XX, está muito mais próximo do Brasil hoje e muito mais distante dos Estados Unidos por conta da política pública, da formação de elites. Acho que, no Brasil, é fundamental você ter uma base de democratização do acesso às políticas públicas, especialmente a educacional, no sentido de criar algum padrão de equalização que era inexistente, mas que foi colocado em curso, durante, *sei lá*, 20 anos. Entre 1994 e 2014, com diferenças muito marcadas entre 1994 e 2002, e entre 2002 e 2014. Mas o fato é que houve mobilidade ascensional educacional dos grupos minoritários, inclusive o grupo indígena – processo esse que atualmente se tenta interromper.

Gabriel Feltran: Isso significa, por exemplo, que atualmente não é que não exista espaço para a população negra, e sim que não há espaço para a identidade negra, que não há espaço para as demandas que são próprias da igualdade racial e etc. Acho que do mesmo jeito que houve a construção da racialização do nordestino até os anos 1980 na cidade de São Paulo, e depois essa racialização sumiu – o nordestino era visto como uma etnia que era racializada de modo específico; existia o negro e existia o nordestino, eram duas coisas diferentes - que às vezes podiam se cruzar, às vezes não. A figura social do nordestino some nas gerações recentes. As pessoas podem até falar: sou filho de nordestino, muitas vezes. Mas ele não se identifica como nordestino. Ele se identifica como *da quebrada*, muito mais do que como nordestino. Você tem outras coisas que vão entrando e substituindo a “identidade” nordestina. Antes ouvia-se música nordestina, hoje ouve-se funk. As coisas mudam. Do mesmo jeito, pode acontecer que aquilo que passou a ser visto como negro hoje, por uma parcela da sociedade, pode depois ser visto como evangélico. Não é? O que é negro hoje, categoria política, pode virar evangélico, categoria religiosa. A mesma pessoa pode ser racializada de outro jeito, da mesma forma como aconteceu com a figura do “bandido”. Se a gente pegar a literatura teórica sobre a diferença e estudá-la efetivamente, eu tenho certeza que a diferença entre trabalhadores e bandidos pode ser lida como um processo de diferenciação próximo ao que ocorreu em outras formas de racialização. O Charles Tilly tem um texto que eu adoro, que eu leio toda a hora, que é o “Desigualdades Persistentes” (título original: *Durable Inequalities*)³². Ele vai nos ensinando que todas as desigualdades que se tornaram desigualdades persistentes,

³¹ IANNI, Octavio. O Negro na Sociedade de Castas. Tese (Doutorado em Sociologia) – FLS, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1961.

³² TILLY, Charles. **Durable Inequality**. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press., 1998.



passaram a ser expressas por um par de opostos. Homem e mulher, branco e negro, homo e hétero, da mesma forma como bandido e trabalhador, no Brasil, se tornou um polo de construção de desigualdades persistentes. Persistentes, quer dizer, que são naturalizadas – racializadas – de tal maneira que vão ser passadas de geração em geração, se não houver mudanças nesse processo. Por isso, a criminalização se tornou uma arma política tão forte. O Lula foi o último exemplo. Independente do que ele fez ou deixou de fazer, a imagem pública dele mudou de trabalhador para bandido. Isso desativa politicamente sua base e é extremamente eficaz. O oposto está acontecendo com a polícia. De corrupta e violenta, está sendo trabalhada a imagem da polícia de cristo, evangélica, dos homens de bem que são os policiais, que arriscam a vida pela população. Esses processos de diferenciação são muito importantes. É claro que tem um processo de naturalização aí, que “racializa” pessoas em territórios identitários essencializados, fixos, territorializados. Politicamente tem seu papel, claro, mas sociologicamente não podemos deixar de ver o processo pelo qual isso se constrói.

Voltamos, então, ao problema da essencialização e das construções de identidades. Politicamente, no sentido da luta por hegemônias, produzir identidades muito pouco fixas é um problema para a construção de políticas públicas, por exemplo. Ao mesmo tempo, construir identidades sempre esbarra no problema da naturalização, essencialização. Como pensar essa ambiguidade?

Valter Silvério: Eu concordo com o Gabriel, mas parece que o que está na origem da nossa conversa é o seguinte: o que causa o agrupamento de pessoas na chave de criação de uma identidade naturalizada? Como, por exemplo, você se pensar cem por cento negro, ou cem por cento mulher, ou então cem por cento branco? O que causa, me parece, é a rejeição ou o sentimento de rejeição. Algo que atravessa de alguma maneira o indivíduo e o grupo ao qual o indivíduo pertence. Você só consegue reverter isso com uma estrutura, *né?* E pode ser família (não precisa ser família como algo que é natural, não precisa ser a família biológica). Pode ser a escola, enquanto uma instituição social... Ou seja, você tem que ter alguma instituição que te dê suporte para você ir à direção da emancipação individual, então esse é um problema. Frantz Fanon, por exemplo, vai discutir que um dos processos de formação identitária tem a ver com a rejeição que causa o ressentimento, e o ressentimento, de uma maneira positiva, vira uma potência. No Brasil, não encaram o ressentimento como potência criativa. Esse é um primeiro problema. Por exemplo, o caso das polícias e a questão racial no Brasil. Uma das coisas importantes que o movimento negro fez foi discutir com a polícia federal e estadual, criando conselhos de comunidade negra que apareceram em São Paulo, primeiro, em 1983. Não era um conselho para eleger só



candidatos negros. Eles também tinham essa função, mas o movimento fez um trabalho excepcional com a polícia militar, e hoje você tem um grupo de oficiais negros no interior da polícia militar, que em muitos casos passaram informações do próprio procedimento racializado da polícia. Este processo de luta política não se dá só na arena pública, no sentido de visível. Ele se dá em diferentes dimensões de luta política. Uma delas é você, obviamente, ter quadros no oficialato da polícia, você ter delegados negros, que se reconhecem enquanto tal. Não adianta você ter esses quadros que não se reconhecem, que tem vários no Brasil, em função desse gradiente de cor que opera nas nossas mentes e corações. Então a dinâmica de mudança tem a ver com a dinâmica de organização social desses grupos que são rejeitados. Tem a ver com a capacidade de você potencializar o ressentimento de forma positiva. E tem a ver com o processo de democratização da sociedade. Tudo isso leva a uma maior democratização da sociedade, porque é no processo de democratização da sociedade que você consegue discutir os valores e contravalores que estão colocados socialmente. Isso nos coloca um problema do ponto de vista das análises econômicas: não é que não exista um problema econômico que gera desigualdade, mas esse problema econômico leva ou é derivado, digamos assim, das nossas formações sociais de um problema de valor, é um problema valorativo. Então entender a articulação entre a dimensão econômica e a dimensão cultural, ou seja, a dimensão objetiva para a sobrevivência e a dimensão valorativa no sentido de aquisição de valores da existência, é muito complexo. E aí é que me parece que tem uma questão que está muito mais para geração de vocês, do que para a minha, que é exatamente como a gente tem lidado com a articulação dessas duas dimensões. Isso nos remete a um problema que é, por exemplo, na área de educação, o problema do currículo. Então legal, você tem Ações Afirmativas, então os quadros, a mudança do perfil do alunato na Federal de São Carlos, que eu acompanhei e acompanho, ela é enorme. Então você sai de uma universidade que tinha setenta por cento de jovens de classe média, classe média alta, para uma universidade que tem oitenta por cento de jovens das camadas C, D e E. Então mudou, você não tem dúvida que mudou e mudou pra valer. Agora qual o problema que está aí? O currículo não mudou. O currículo continua racializado. Eu costumo dizer que é possível você ter um sistema educacional que tenha muitos estudantes pretos que saiam com os mesmos valores discriminatórios e racializados, naquilo que o Florestan Fernandes detectava lá nos anos 1940 e 50: o negro que tende a se afastar do seu grupo para não ser confundido com seu grupo.

Gabriel Feltran: É o negro drama³³, né?

Valter Silvério: É, é o negro drama. E é o negro drama atualizado, né?

³³ Referência à música Negro Drama do grupo de RAP paulista Racionais MC's. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dGjcBzD7z9Q> Último acesso em 16 de fevereiro de 2021.



Porque, na verdade, as clivagens eram muito mais visíveis, eu diria, há 30 anos. Você sabia o que era um negro de classe média e o que não era um negro de classe média. Hoje é muito mais complicado, muito mais complexo.

Gabriel Feltran: Até porque a classe média se clivou também para receber grupos diferentes. Eu fui à Feira Preta³⁴ em São Paulo, há uns dois ou três anos, e era claramente um fenômeno de classe média negra. Shows de MPB com artistas negros e depois você entrava do lado da Feira Preta tinha uma espécie de shopping center em que você comprava tudo quanto é produto negro, roupas com um olhar mais africano, menos africano, mas era tudo roupa, cabelo, consumo, coisa de culinária, tudo com um viés étnico e tudo muito caro! Então as famílias que estavam ali comprando não eram famílias pobres. Não estavam vindo da favela comprar na Feira Preta. Eu não encontraria ali os meus amigos de classe média de Pinheiros. Naquela classe média, digamos assim, era uma espécie de contra público no jeito da Nancy Fraser pensar, do jeito do Habermas³⁵ pensar o espaço público. Uma espécie de contra público porque as pessoas entram ali, se reconhecem ali como pares para depois buscar uma integração naquilo que lhes segrega. Ou seja, é um contra público negro de classe média que depois buscaria, com os seus novos produtos, com suas novas roupagens, fazer frente a outras roupagens, sendo muito bourdieusiano no meu jeito de pensar, das classes médias estabelecidas.

Valter Silvério: Eu acho que isso, Gabriel, é um fenômeno mais de cidades globais. Esse é um fenômeno que vem ocorrendo e é um fenômeno muito colado à experiência americana, que criou uma certa indústria, especialmente no entretenimento, que é uma indústria parcialmente controlada por negros. Primeiro foi controlada por judeus que se aliançaram com negros, a Motown Records³⁶ talvez seja o maior fenômeno desse processo. No Brasil, isso passa a ocorrer, mas a escala é muito menor, e isso está ligado a uma dimensão teórica que é muito interessante de se discutir, embora muito complexa. A Rita Laura Segato³⁷ publicou um texto no *Annual Review of Anthropology* americano, em 1998, que chama “*The Color-blind Subject of Myth; or, Where to find Africa*

³⁴ O Festival Feira Preta acontece, anualmente, há 18 anos na cidade de São Paulo e é considerado o maior festival latino-americano produzido por e para fomentar o empreendedorismo negro. A Feira reúne uma série de empreendimentos nas áreas de cultura, inovação, etc, e estimula sua visibilidade e comércio, o chamado “afro empreendedorismo”. Ver mais: <http://feirapreta.com.br/>. Último acesso: 11 de novembro de 2020.

³⁵ Nancy Fraser é uma filósofa estadunidense, professora de Ciência Política e Social da New School de Nova York. Seus trabalhos refletem sobre a teoria das representações, justiça, teoria feminista e teoria crítica. Jürgen Habermas é um filósofo alemão, parte daquilo que se convencionou chamar de Escola de Frankfurt. Seus trabalhos refletem sobre a racionalidade comunicativa e a esfera pública.

³⁶ A Motown Records é uma gravadora de música negra estado-unidense fundada em 1959 em Detroit (EUA). Produziu artistas como Jackson 5, Marvin Gaye e Stevie Wonder. Foi um fenômeno importante na introdução e popularização da chamada *black music* na cultura popular estado-unidense em um contexto ainda muito forte de segregação racial.

³⁷ Rita Laura Segato é uma antropóloga de origem argentina, professora titular e emérita na Universidade de Brasília (UnB). Trabalha com os temas das relações étnico-raciais, povos indígenas, gênero e colonialidade.



in the nation"³⁸. De alguma maneira, ela tem uma aproximação com Gilberto Freyre. Acho que quase todos os antropólogos têm *né*, eu *to* tendo muita dificuldade de mostrar como é que o debate antropológico brasileiro tem um problema por conta dessa *pegada* antropológica que vem na linha Boas, Herskovits e Fraser³⁹. A dificuldade de se introduzir o debate dos Estudos Culturais, que do meu ponto de vista altera essa chave. Mas o que que a Rita Segato está dizendo? Que o problema é que os negros americanos, a partir de um determinado momento, foram atravessados pela máquina do capital. O debate nos Estados Unidos seria de mobilidade mesmo e de retenção de capital, e que no Brasil esse fenômeno não aconteceu porque a sociedade brasileira, em especial a parcela significativa da população negra, não foi atravessada pelo capital. Então é óbvio que ela está fazendo uma antropologia cultural com fundo econômico, mas ela está ali mostrando o problema da dinâmica urbana, do processo de urbanização e industrialização. Como um processo meio que determinante para esse processo de especialização do consumo estético, porque é na indústria estética, na tal da indústria cultural, que esse atravessamento acontece. Então eu acho que a indústria cultural, não no sentido frankfurtiano, ela foi o espaço por excelência de mobilidade da população negra. Já que o acesso aos setores econômicos duros, tipo a indústria do petróleo, a indústria do automóvel, isso está descartado para a população negra, porque isso são redes familiares.

Gabriel Feltran: Acho que isso que você está falando tem muito a ver com a Sociologia Urbana mesmo, e me lembrou dos textos do William Julius Wilson⁴⁰, quando ele discute essa capitalização de uma parcela do mundo negro nos Estados Unidos. A consequência dela é que você vai ter uma mobilidade de uma parcela daqueles que estariam, que estavam antes no *ghetto*, de uma geração para outra. Uma parte dos negros consegue fazer mobilidade, e muita gente sai desse *ghetto*. O autor vai discutir que aí que se constrói efetivamente o *ghetto*, porque todo mundo que conseguiu sair, que tinha capitais, recursos para sair, saiu. E aqueles que não tinham essas capacidades, os capitais todos, as possibilidades de sair, permaneceram no *ghetto*, que, aí sim, fica mais homogêneo e mais pobre. O *ghetto* anterior, digamos assim, não cabia na visão conceitual de *ghetto*, homogêneo, segregado quase que absolutamente, como as castas citadas pelo Valter. Mas depois da capitalização de uma parte do mundo negro, que sai do *ghetto*, ele se torna de fato mais pobre e mais

³⁸ SEGATO, Rita L. The Color-Blind Subject of Myth; Or, Where to Find Africa in the Nation. *Annual Review of Anthropology*, 27:129– 151. 1998.

³⁹ Franz Boas (1858-1942) foi um antropólogo alemão, radicado nos Estados Unidos, é considerado um dos precursores da corrente culturalista da antropologia americana. Melville J. Herskovits (1895-1963) foi um antropólogo estadunidense, considerado "precursor" daquilo que se convencionou chamar de uma "antropologia do Caribe" no século XX.

⁴⁰ William Julius Wilson é um sociólogo urbano estado-unidense, professor na Universidade de Harvard e parte do que se convencionou chamar de Escola de Chicago. Seus trabalhos tratam das relações raciais, pobreza, direitos civis, mundo urbano.



segregado, aproximando-se do conceito. A consequência disso é que você vai jogar lá para baixo esse universo de conflito social, de problemas sociais, para serem resolvidos justamente por quem não tem recursos para dar conta deles. Além disso, você divide a população negra urbana: uma vai para as classes médias negras, outra fica no *ghetto*. Essa que vai para a classe média – e isso é idêntico no Brasil – é a que reivindica o “lugar de fala”, o espaço de locução e etc. Porque ela já está disputando esse lugar com as classes médias brancas. Como se os outros negros, que estão na base, no gueto, estivessem sendo representados por essas falas. Só que há uma diferença muito grande entre quem está num lugar de fala, e no outro lugar de não-fala. É um debate super intrincado, que rende muitas discussões e muitas polêmicas também, mas que talvez tenha a ver com o que a gente viveu no nosso caso aqui também. Quando por exemplo o rap, alguns rappers saem da favela e outros ficam na favela, gera mil debates sobre quem é legítimo para falar. Porque se é “voz da favela e faz parte dela”, é uma coisa. Se não é, é outra coisa. Até que o Mano Brown⁴¹, depois de ter refletido muito sobre isso, vai dizer que é um artista, que não é representante político da favela, necessariamente. Para sair desse imbróglio, é preciso abandonar a “representação”.

E como todo esse debate da representação, identidade, formação curricular, conecta-se com uma universidade como a UFSCar, por exemplo, que completa mais de uma década de Ação Afirmativa?

Valter Silvério: Isso tem tudo a ver com as genealogias. Tem uma socióloga inglesa de origem indiana que é Gurminder Bhambra⁴², que quando propõe sua *Connected Sociologies* (2014)⁴³, está pensando nisso: nessas duas genealogias, que reconstruímos aqui. Elas não são excludentes, mas elas precisam conversar no processo formativo. Ou então eu continuo sendo antirracista, sem dar o passo seguinte: ser antirracialização. Então me parece que é nessa possibilidade de você conectar essas histórias, que são histórias que foram capturadas pelo pensamento europeu e colocadas na lógica da inferioridade, porque a história do outro é sempre inferior. Ela, a Bhambra, dá um exemplo que é um exemplo que eu acho fantástico. Ela vai dizer assim: na Índia, a indústria têxtil indiana, no momento da Revolução Industrial Inglesa, era extremamente avançada. Porque que eu conto uma história sobre a Revolução Inglesa e não conto uma história do que ocorria na Índia? Então me parece que é um pouco essa possibilidade, de você mostrar num processo formativo, as consequências da exclusão de um dado grupo marcado pelo fenótipo. Para formar uma memória, que é uma memória do sofrimento

⁴¹ Rapper brasileiro integrante do Racionais MC's, considerado um dos mais importantes grupos paulistas de RAP.

⁴² De origem indiana, Gurminder Bhambra é professora de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais na Escola de Estudos Globais da Universidade de Sussex (Inglaterra).

⁴³ BHAMBRA, Gurminder. K. **Connected Sociologies**. London: Bloomsbury Academic, 2014.



e de como é difícil você escapar da armadilha de incorporar a racialização. Então um grande problema que a gente tem na universidade hoje é que o jovem que vem da periferia; e aí, num primeiro momento, importa muito a cor, num segundo momento, importa muito entender como é que esse jovem é socializado. Acho que deveria ter uma Pró-Reitoria específica para isso, para tratar da chegada desses jovens. Você pensa que eles já ultrapassaram uma barreira que é entrar na universidade, mas eu acho exatamente o contrário: o fato deles terem ultrapassado essas barreiras os colocam, como me colocaram no início do meu processo de formação, em uma situação absolutamente incômoda, porque você não é mais igual ao grupo de que você vem, de origem, e você é diferente do grupo com o qual você está convivendo. Então o tempo todo você está deslocado, é um sentimento de deslocamento. Você está totalmente descentrado em todos os sentidos, e o seu centramento é uma responsabilidade do processo de formação. O aluno que entra pela Ação Afirmativa, ele é um valor para a Universidade, para uma ideia que está por trás do papel da universidade, que é como ela equaciona o processo de diferença da origem, a partir do momento que o estudante adentra para a universidade. Então eu acho que essas genealogias que a gente trabalha na universidade, elas têm um poder de configuração do sujeito que é impressionante. O aluno muda mesmo. Entrou na universidade, muda, não tem jeito. Mas qual é o custo psíquico dessa mudança? E por que muitos alunos cometem suicídio? Essa é uma estatística que a gente não anda acompanhando.

Gabriel Feltran: Muitos adoecem mesmo, adoecem.

Valter Silvério: Na minha leitura, isso tem a ver, obviamente, com a diferença: a universidade é um espaço hostil, é um espaço de luta. De luta pela narrativa hegemônica. Não tenho dúvida com relação a isso, e ela não se alterou, como ocorreu nos Estados Unidos. Porque no processo de entrada, nos Estados Unidos, de negros na universidade – com os hispânicos também aconteceu isso, com as mulheres também –, paralelamente ocorre o surgimento dos estudos afro-americanos. Não numa chave antropológica-arqueológica, mas numa chave da estética. Surgiram os estudos feministas, e surgiram os estudos latinos. Então acho que a gente está se deparando com esse processo. Lógico que quando estou dizendo isso, estou sempre pensando nas cadeias de similaridade e diferenças dentro desse processo, e a gente tem muito mais dificuldades, muito mais problemas do que os Estados Unidos, também pelo lugar da universidade no Brasil, que é um lugar meio descentrado. No caso brasileiro, ao mesmo tempo que esse lugar é importante, ele está totalmente deslocado da sua função, que é uma função de construir um conhecimento que melhore, em todos os sentidos, a condição da sociedade como um todo.



Como citar esta entrevista:

RODRIGUES, Engel; RUY, Luana; MALDONADO, Janaína; JARA, Simon. A intersecção entre diferença e conflito urbano nas Ciências Sociais: uma entrevista com Valter Roberto Silvério (UFSCar) e Gabriel de Santis Feltran (UFSCar). *Áskesis*. São Carlos - SP, v. 9, n.1, p. 153-174, jan./jun. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9120.565>

Data de submissão do artigo: 16/08/2020

Data da decisão editorial: 30/01/2021